

UM FUTURO MELHOR E O SENTIDO DA ESCOLA: RELAÇÃO INTRÍNSECA?

Denise Braga

Alice abriu a porta e viu que dava para uma pequena passagem, não muito maior que um buraco de rato: ela ajoelhou-se e avistou o mais adorável jardim que jamais vira. Como ela gostaria de sair daquela sala escura e passear por entre aqueles canteiros de flores viçosas e aquelas fontes geladas...mas ela nem mesmo conseguiria fazer passar sua cabeça pela porta; "e mesmo que a minha cabeça passasse", pensou a pobre Alice, "teria pouca utilidade sem meus ombros. Oh! como eu desejo poder encolher como um telescópio. Eu acho que poderia, se ao menos soubesse como começar."

Lewis Carroll: Alice no país das maravilhas (trad.: Clélia Regina Ramos)

No longo corredor que me leva à sala de aula já posso antever as cadeiras desalinhadas, bolsas e sacolas plásticas em profusão e, em meio aos objetos, pessoas tão displicentemente espalhadas que quase se confundem com a desordem da sala. O que esperam de mim? Penso no sentido da disciplina que vou ministrar, dos pontos somados pela execução das tarefas, nos vários desejos que não se sustentam naquele curso de Pedagogia, nas insatisfações visíveis em cada gesto, nos desrespeitos naturalizados... Tento olhar em perspectiva: a educação do futuro está sendo criada ali e irá projetar-se além das divisórias daquela instituição. Evoco nesse momento um pouco da utopia freireana que nos diz da possibilidade de sonhar um futuro que poderá, de fato, ser um futuro melhor para todos. Perco a dimensão do tempo (pelo menos desse tempo lógico do qual me avisa o sinal) e imagino que no meu futuro melhor a escola não terá tempos e espaços tão rígidos e compartimentados. Agora ando depressa porque o tempo da aula já está sendo contado... Quanto tempo até o futuro?

Pela fresta da porta o que avisto é bem menos belo que o jardim de Alice e, nesse momento, meus olhos pousam sobre o texto escolhido para a aula: "Perspectivas atuais da educação"¹. Não consigo evitar uma certa inveja do Gadotti e da sua idéia de uma relação intrínseca entre a escola e a felicidade. Ao escolher o texto eu estava certa de que a educação nos torna capazes de inventar um mundo melhor, mais justo, inclusivo...

Entro na sala o que, abruptamente, me tira dos meus devaneios. Nada do que eu havia pensado parece fazer sentido agora. Preciso inventar outros motivos: algo urgente, palpável, acessível, um sentido que emane de mim quase místico. Preciso inventar um sentido universal, escolher entre as muitas possibilidades aquela capaz de reunir todas as vontades.

"Professora, por que você veio?" A pergunta me desconcerta pela milésima vez, penso sempre que é pessoal, resistência à minha presença, rejeição. "Vai ter chamada?" "Tem trabalho valendo nota?" "Aquele texto do tal de Gadotti é pra hoje?" Não é tão difícil responder a essas perguntas. Mas antes que eu tente, sou assaltada por outras questões mais importantes que a minha aula ou que o texto do Gadotti: "Preciso dar um recado da comissão (de formatura)." "Acabou o papel do banheiro. Isso é um absurdo!". "Vou mudar de curso. Não agüento mais essa turma só de mulheres." "Vou ter que sair mais cedo porque a minha sogra não vai ficar com meu filho até onze horas da noite."

No meio da confusão alguém grita: "Gente, a professora quer dar aula!" As reclamações não cessam, mas algumas alunas abrem os cadernos e ficam a postos para as primeiras anotações. Por alguns minutos eu falo e elas escrevem. Depois uma nova interrupção e outro alvoroço, outro grito de "calem a boca"... A situação é propícia para usar meu poder e, portanto, resolvo lançar mão de um questionário valendo nota. É quase mágico o momento em que todas se calam. Agora temos um sentido a ser compartilhado: a prova, a nota, a aprovação no final do semestre. O silêncio me traz uma efêmera satisfação: consegui objetivar a subjetividade!

Recolho as folhas escritas. O sorriso de contentamento de algumas alunas pela tarefa cumprida me salva da vergonha mediante Gadotti, Paulo Freire, Saviani e outros ícones da Pedagogia. Então saio da sala e, pelo menos hoje, me permitirei não sentir culpa.

Sobre o(a) autor(a):

Doutoranda do ProPEd/UERJ.

Referências bibliográficas (ou textuais):

- GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da educação. São Paulo em Perspectiva, Abr./Jun. 2000, vol.14, no.2, p.03-11.

